

A108354

Falta de verba impede obra emergencial

A falta de recursos pode deixar debaixo d'água o que sobrou do bairro da Bugia. A Prefeitura decretou em março último estado de calamidade pública, mas ainda não recebeu a verba de R\$ 850 mil do Ministério da Integração Regional para obras emergenciais de contenção do avanço do mar.

Os moradores residem em construções condenadas pela Defesa Civil. Em cada quintal, barricadas improvisadas de entulho e pedra digladiam-se diariamente com a força do mar. A natureza está vencendo e o mar começa a invadir o calçadão da praia.

"A praia começava a 20 metros do meu quiosque. Hoje as cadeiras estão empilhadas. Perdi até os meus fregueses antigos. Nesse verão tivemos prejuízo", contou a barraqueira Maria das Graças Santos, que não abandona a tábua de maré da Capitania dos Portos.

O processo de erosão se intensificou nos anos 80, quando o canal do Rio Cricaré começou a ser assoreado pela areia trazida pela ação da maré. Com isso, o mar passou a atingir violentamente a margem Norte, destruindo as casas.

O lugar adquiriu então a fama de bairro fantasma e até hoje desperta a atenção de turistas. "O encontro do rio com o mar é bonito, mas ao mesmo tempo assustador", disse o morador de Nova Venécia Pedro de Sá Pereira.

Enrocamento



Edson Chagas

Ameaça

Seis famílias resistem ao fenômeno da natureza e continuam vivendo, apesar da proximidade com o mar, num bairro parcialmente destruído. Antes da invasão da maré, o lugar era cercado por coqueiros

Desabrigados da Bugia vivem 'inferno'

Famílias que perderam tudo com o avanço do mar no bairro de Conceição da Barra vivem há três anos em situação precária, em alojamentos improvisados

Dragagem e construção de píeres

As obras emergenciais em Conceição da Barra, que dependem da liberação dos recursos do Ministério da Integração Regional, integram um pacote de intervenções para conter o avanço do mar no município. O projeto total está orçado em R\$ 18 milhões, incluindo a dragagem do Rio Cricaré e a construção de seis píeres com o objetivo de recompor a praia.

De acordo com a Prefeitura de Conceição da Barra, quatro píeres terão 80 metros de extensão. Os outros dois serão construídos às margens do Rio Cricaré, medindo de 450 a 800 metros. O município está tentando obter os recursos junto ao Banco Mundial.

A outra intervenção, que consiste na dragagem do rio, visa a reduzir os efeitos do assoreamento. Na foz do Rio Cricaré formam-se grandes bancos de areia em períodos do dia, restringindo a saída dos barcos de pesca.

Antes do turismo, a pesca era a principal atividade econômica do município. Atualmente os pescadores enfrentam uma outra realidade.

"Estamos isolados na colônia. Aqui só funciona o estaleiro. A fábrica de gelo está parada há um ano por falta de maquinário", disse o presidente da Colônia de Pescadores Z-1, José Amâncio dos Santos. O município tem cerca de 1,5 mil pessoas que trabalham na pesca, principalmente a do camarão.

Apelo

Na última quarta-feira, o

Enrocamento

O engenheiro civil e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Robson Sarmiento, não descarta o avanço do mar sobre uma parte do Centro de Conceição da Barra num prazo mais longo.

Ele afirmou, no entanto, que esse processo natural pode ser contido com o aumento da faixa de areia, fazendo a sua fixação com o enrocamento de pedras.

“No caso da Bugia, a ocupação urbana nunca poderia ter acontecido. Se a bacia hidrográfica não tem uma boa gestão, somente o mar vai comandar. Isso está ocorrendo na Bugia”, explicou Sarmiento.

Temendo a ação do mar, a Marinha não permitia, até a década de 80, a construção de casas de alvenaria no bairro. O morador Luiz Clarindo, 57 anos, contou que apenas os pescadores mais antigos tinham autorização para fazer os barracos de madeira.

“A Marinha naquela época sempre alertava sobre o perigo do avanço do mar e informava que poderia retomar a área se houvesse necessidade”, disse o pescador.

Uma pichação em frente ao prédio onde funcionava a escola de pesca em Conceição da Barra mostra a realidade de quem saiu da Bugia devido ao avanço do mar. Doze famílias, que moravam no bairro destruído e ficaram desabrigadas há três anos, passaram a viver na escola – na verdade um alojamento improvisado, marcado por inscrições como “Bem-vindo ao inferno”.

Por falta de espaço no prédio, o pedreiro Valdeir Pereira, 58 anos, deixou o armário e duas camas na Bugia. Ele vive com outras três pessoas numa pequena sala. “Tive que improvisar a cozinha na varanda”, contou o pedreiro, que morou 28 anos na Bugia.

Todos vivem a mesma situação. Os dois banheiros da escola são comunitários. O varal está exposto no corredor. A escola está distante da Bugia, uma invasão encravada no encontro do Rio Cricaré com a praia de Conceição da Barra, onde seis famílias ainda resistem ao fenômeno natural.

MÁRCIO CASTILHO

O município agora corre contra o tempo para proteger o bairro. No próximo sábado está prevista uma das marés mais altas do ano. Será um novo teste para a contenção feita pelo pescador Alcebiades Tagarro, 70 anos. A barreira foi levantada com material de demolição de outras casas da Bugia. “Há seis anos ela vem passando no teste. Estou até hoje na Bugia graças a minha contenção.”

Escombros

A moradora Marta Venâncio Vila Nova não teve a mesma sorte. A casa virou uma montanha de escombros. Ela também está alojada na escola de pesca ao lado de oito pessoas numa sala com pouco mais de 20 metros quadrados.

“A casa que o meu marido construiu na Bugia tinha seis cômodos. Mas tivemos que sair por causa do mar”, afirmou.

O secretário de Desenvolvimento Econômico de Conceição da Barra, Caio César Valetto Faetti, afirmou que a Prefeitura tem um plano de construção de 27 casas populares em parceria com a Companhia de Habitação e Urbanização (Cohab). “Mas queremos estender esse plano para 200 casas até o fim do ano”, afirmou.

Uma parte dos desabrigados da Bugia foi contemplada pelo projeto Habitar Brasil. Ao todo foram construídas 29 casas em Santo Amaro. Mas o programa popular causou protestos dos ex-moradores da Bugia. Algumas casas estão fechadas e outras foram colocadas à venda.

“Penso em voltar para a Bugia se a Prefeitura fizer a proteção com pedra. Em Santo Amaro, em vez de comprar comida tenho que comprar inseticida para matar mosquito”, brincou Laerne Passos.

O avanço do mar não ameaça apenas a Bugia. “Na última maré alta, o mar ficou a 250 metros da sede da Prefeitura. Se nada for feito, o prédio poderá ficar comprometido em cinco anos”, reconheceu o prefeito de Conceição da Barra, Francisco Donato. Seria especulação não fosse o histórico de destruição no município, um dos principais pontos turísticos no Estado.

Nos últimos anos, o mar engoliu uma parte do calçadão, o farol foi removido de local e três quiosques ficaram em ruínas. Outras quatro barracas se sustentam em meio a estacas de madeira e sacos de areia.

Os comerciantes da orla tentaram fazer o seguro dos estabelecimentos, mas as seguradoras recusaram o pedido de cobertura, alegando risco de alagamento. “Recebemos uma média de cinco pedidos por mês, mas as seguradoras não assumem o risco de alagamento. Outras coberturas são aceitas”, afirmou Antônio Carlos Bastos, representante da filial da empresa HRD Seguros.

Na última quarta-feira, o prefeito de Conceição da Barra, Francisco Donato, esteve na Assembléia Legislativa pedindo recursos da ordem de R\$ 1,2 milhão ao Governo do Estado para as obras de proteção da praia.

“Se não houver um grande investimento, continuaremos fazendo obras homeopáticas frente ao processo de erosão.”

Segundo ele, a Prefeitura dispõe de apenas R\$ 40 mil para conter o fenômeno da natureza na Bugia. O prefeito disse que a dívida de Conceição da Barra chega a R\$ 6 milhões.

Em 1995, o então governador Vitor Buaiz afirmara que o Estado não colocaria “um centavo” para as obras de contenção da maré, enquanto o prefeito da época Mateus Vasconcelos não repusesse os R\$ 750 mil destinados pelo Governo federal ao município para essa finalidade. O dinheiro havia sido usado para o pagamento dos servidores municipais.

HISTÓRIA

Paraíso dá lugar a ruínas

Coqueiros, goaibeiras, maritacas e o bugio, um macaco “barbudo” com grito peculiar, dominavam a paisagem do lugar que virou ruína. Foi justamente a fêmea dessa espécie, abundante em Conceição da Barra, que deu nome ao bairro. Até 1845 não existia a Bugia. Anos depois, surgiu no local uma faixa de terra e, com ela, espécies variadas da flora e da fauna. Um belo manguezal completava o cenário. Segundo os historiadores, o primeiro nome do lugar era Vila Peixoto, uma homenagem ao oficial da Marinha Venâncio Caderlan Peixoto. Em 1935, ele era professor da escola primária de Conceição da Barra. Venâncio Peixoto destacou-se pelo trabalho à frente de uma horta comunitária na cidade.



CONTRASTE

Um dos poucos moradores da Bugia, o pescador Alcebiades Tagarro afirma que não tem medo do mar. Marta Venâncio não teve a mesma sorte; sua casa virou uma montanha de escombros, e ela está abrigada na escola de pesca

